

EDITORIAL

Em 1985, John Hardwig publicou o artigo *Epistemic Dependence*. Ali, ele argumenta que a expansão do conhecimento humano está intimamente relacionada a dinâmicas de confiança nos outros, marcando o que poderíamos rotular de “era da dependência epistêmica” (ainda que Hardwig não utilize tal expressão). Tal era, contudo, exigiria uma revolução na epistemologia, tradicionalmente marcada por um individualismo excessivo, de herança moderna. Dessa forma, o trabalho de Hardwig inaugura, por um lado, uma investigação epistemológica sobre o fenômeno comum, mas surpreendentemente negligenciado, de confiarmos no testemunho de outras pessoas, e, ao mesmo tempo em que, coloca em evidência a necessidade de um tratamento epistemológico sobre as dinâmicas de confiança em autoridades.

Quarenta anos após tal artigo seminal, a Epistemologia Social tornou-se um campo bem delineado, investigando ambos os fenômenos de maneira sistemática e ampla, o que pode ser contemplado com os artigos que compõem o dossiê. Os três primeiros trabalhos exploram conceitos centrais da própria ideia de dependência epistêmica, como a crítica ao individualismo, e o problema da recepção do testemunho especializado por novatos.

Abrindo o número temos o artigo “Confiança nos outros e diálogo”, de Waldomiro J. Silva Filho. O autor se apropria tanto da crítica de Hardwig ao individualismo epistemológico quanto do conceito de diálogo entre iguais para explorar, para além das relações testemunhais, a ideia de diálogo cooperativo e seu valor epistemológico.

No artigo “Desacordo e deferência à especialistas: independência ou números qualificados?”, Eduardo Alves e Vinícius Posselt partem do problema: frente a um desacordo entre especialistas, sob quais condições um novato está justificado em adotar a posição majoritária? Desse problema mais geral os autores exploram o princípio da independência da crença, a ideia de que crenças que já foram avaliadas não devem desempenhar papel epistemológico em um desacordo. E concluem defendendo a distinção em graus de dependência epistêmica (completa ou incompleta, autônoma ou não autônoma).

No artigo “Epistemic Authorities, Preemption and Predatory Behavior”, Augusto Kern Hexsel retoma a tese da preempção, que diz que um novato deve sempre deferir a um testemunho especializado. O autor defende a tese de diversas objeções, principalmente contra a das autoridades predatórias: situação onde autoridades epistêmicas se utilizam da sua posição privilegiada para produzir danos.

Os artigos “Autoridade epistêmica e expert: um contraste”, de Vinícius Schoenell dos Santos, e “Outlines for a metatheory of expertise from the veritistic approach and its main problems”, de João Batista Ferreira Filho discutem a natureza da expertise. O primeiro contrasta as noções de autoridade e expertise, defendendo que há uma distinção entre ambas e como tal distinção impacta na recepção do testemunho autoritativo ou especializado por leigos. O segundo discute criticamente a noção de expertise defendida por Alvin Goldman, notadamente centrada noção veritista. O autor aponta diversos problemas na definição de Goldman, assim como levanta dificuldades para teorias gerais sobre o que é um expert.

Os artigos “Open-mindedness and Epistemic Dependence” de Marcelo Cabral, e “Limites da autonomia epistêmica: a crítica de Linda Zagzebski ao egoísmo epistêmico”, de Ian Salles Botti, relacionam a conversa sobre dependência epistêmica com a epistemologia das virtudes. No primeiro artigo Marcelo Cabral argumenta contra a ideia de que o dogmatismo deixaria agentes epistêmicos melhor posicionados para formar crenças em áreas especializadas. No segundo, Ian Salles Botti discute as noções de autonomia e egoísmo epistêmicos, discutindo o papel da humildade intelectual para o desenvolvimento da autonomia.

Os últimos artigos do dossiê trabalham em uma perspectiva aplicada dos conceitos de dependência, autonomia e expertise. No artigo “Devemos educar para a autonomia? A virtude da autonomia intelectual e o problema da dependência epistêmica”, de Marília Giammarco Polli, a autora defende que a noção de autonomia é melhor compreendida a partir da epistemologia das virtudes, e aponta como tal concepção pode ampliar nosso entendimento sobre a autonomia enquanto finalidade educacional. No artigo “Natureza da especialização e dependência epistêmica no ensino de história: um caso de epistemologia social aplicada”, de Muriel Custódio dos Passos, o autor discute a natureza da expertise e como aplicar tal conceito no contexto do ensino de história. No artigo “Expertise filosófica como expertise em intuir”, Vinícius Rodrigues defende que há expertise filosófica e que essa pode ser compreendida como a expertise em intuir, e conclui apontando que tal defesa auxilia a explicar o progresso na filosofia.

Por fim, registramos nosso agradecimento aos colaboradores e colaboradoras, assim como à equipe editorial da Revista *Peri*, por possibilitarem a publicação deste número.